

6^a JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

Os Conventos femininos de Guimarães nos séculos XVII e XVIII. Mecenas, obras e artistas

António José de Oliveira

CITCEM

A partir dos finais do século XVI, a Colegiada constituíra-se como o principal poder do concelho, ocupando o lugar que fora até aí da corte bragantina. Até finais do século XVII, ela será o pólo dinamizador de Guimarães, mas rapidamente os conventos femininos da vila, competem com a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Nos domínios da arquitetura e das artes decorativas, estas instituições desempenham um papel fundamental. Nesse âmbito, são chamados a Guimarães conceituados artistas, oriundos dos atuais concelhos de Braga, Fafe, Matosinhos, Porto, Santo Tirso, Vila Nova de Famalicão, Vila do Conde, e do reino da Galiza, com os quais penetraram na vila novos discursos artísticos

Determinante para a remodelação arquitetónica e na obra de talha de conventos femininos de Guimarães, foi a figura de D. José de Bragança (arcebispo de Braga entre 1741-1756), que patrocinou importantes obras. D. José de Bragança, filho ilegítimo do rei D. Pedro II, foi uma personalidade marcante no panorama eclesiástico e artístico do seu tempo, exercendo um vasto papel mecénático na sua diocese, particularmente em Guimarães. O seu carácter empreendedor revela-se pelo apoio concedido à atividade artística, através do mecenato ou da encomenda, mas também pela sua intervenção direta e ativa no processo criativo, convertendo-se em agente da modernidade estética. Responsável por empreendimentos no panorama artístico vimaranense, e na construção de um importante legado patrimonial que ainda hoje se mantém na cidade de Guimarães, foi uma figura consciente da importância pastoral que os meios visuais assumem no melhoramento da sua diocese, igrejas e conventos.

O levantamento exaustivo dos contratos de obra nos quatro conventos femininos de Guimarães (Santa Clara, Carmo, Santa Rosa de Lima e Madre de Deus) permitiu-nos a datação da maior parte dos espécimes artísticos ainda hoje existentes; a identificação de quem encomendou e financiou a obra; o pedreiro, o carpinteiro, o entalhador, dourador, pintor, imaginário, o organeiro, entre outros, responsáveis pela sua execução; qual o local da sua origem e residência; os fiadores; as

6^a JORNADA DE HISTÓRIA DA ARQUITETURA

alterações levadas a termo no seio destes imóveis; o custo da obra, entre muitas outras coisas, como sejam os materiais utilizados na execução das mesmas.

Todas estas instituições conventuais femininas favoreceram que, em Guimarães e no seu termo surgissem várias oficinas com uma intensa atividade num meio em constante animação. Neste contexto, a documentação aponta ainda, para o afluxo de destacados mestres do noroeste de Portugal e da Galiza, para a arrematação e concretização das empreitadas, facto que lhes permitia manter em laboração as suas oficinas. Além disso, é necessário ter presente que muitos destes artistas arrematavam as empreitadas em sociedade, originando assim que muitas dessas obras existentes em Guimarães fossem o resultado de um complexo trabalho de parceria entre mestres do mesmo ofício. Estas obras, por vezes executadas em parcerias com mestres vimaranenses, permitiram às oficinas locais um contacto com a obra de outros mestres e oficiais. Simultaneamente entre os artistas criavam-se estreitas redes de solidariedade relativas a sociedades e parcerias, fianças e ligações familiares.